

A expressão do tempo no discurso

Leci Borges Barbisan*

Resumo

Este texto apresenta um estudo sobre as relações temporais estabelecidas pela conjunção *quando* no discurso. Analisa fábulas de La Fontaine em busca de resposta para duas hipóteses: 1) a de que a relação entre tempos no uso da língua pode ser explicada pela noção de orientação argumentativa, criada na Teoria da Argumentação na Língua por Jean-Claude Anscombre e Oswald Ducrot, continuada atualmente por Marion Carel e Oswald Ducrot; 2) a de que a conjunção *quando* pode assumir diferentes sentidos, dependendo dos tempos que articula. As análises desenvolvidas até este momento mostram que a primeira hipótese se confirma e que a segunda revela que a conjunção *quando*, em alguns contextos, pode apresentar diferentes sentidos, mas pode também manter seu sentido temporal em outros.

Palavras-chave: Discurso. Quando. Tempo. Teoria da Argumentação na Língua.

Neste texto, colocamos como tema a ser pensado a expressão do *tempo* no *discurso*. Tratando-se do *uso da língua*, pretendemos olhar o tempo, não isoladamente, como se faz no estudo da *língua*, mas relacionado a outro tempo. Escolhemos como termo que estabelece relação, o articulador *quando*. Entendemos como *tempo* o sentido expresso pelo morfema preso ao verbo, que indica o momento em que a ação se realiza. Não tomaremos, então, como objeto de estudo a conjugação verbal, nem a ação indicada pelo verbo, mas tão somente as relações entre os morfemas temporais e os sentidos que o articulador *quando* adquire nessas relações.

Norteará nossas reflexões a Teoria da Argumentação na Língua, na qual será buscada essencialmente a noção de *orientação argumentativa*. Situamo-nos, com isso, no campo de uma semântica

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisadora do CNPq.

linguística, de natureza sintagmática, que procura explicar o sentido construído pelo *uso da língua*.

O olhar da teoria

A Teoria da Argumentação na Língua, criada por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, e continuada atualmente por Marion Carel e Oswald Ducrot, na École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, começou a desenvolver-se na década de 1980, ao buscar sua fundamentação filosófica nos conceitos de *língua, fala, valor e relação*, criados por Saussure para explicar a linguagem. Em um capítulo que compõe o livro intitulado *Nouveaux regards sur Saussure*, publicado em 2006, Ducrot relata como, em 1960, encontrou no *Curso de Linguística Geral* de Saussure o capítulo referente ao *valor linguístico*, no qual reconheceu a teoria da *alteridade* de Platão, que direcionou toda sua pesquisa em linguística, levando-o à criação de uma semântica sintagmática. Com esse olhar, foram construídos, sobre o *uso da língua*, dentre outros, os conceitos de *frase, enunciado, significação e sentido*. A *frase* é entendida como uma entidade teórica, concebida pelo linguista para explicar o *enunciado*, sendo este a realização da frase. Todo *discurso* é constituído de *enunciados* relacionados.

Do ponto de vista semântico, a *frase* tem *significação* e o *enunciado* tem *sentido*. Por definição, a *significação orienta* para possibilidades ou impossibilidades de continuação do *enunciado*. Assim, se

o locutor escolhe na *língua*, por exemplo: *está fazendo frio*, deve continuar com enunciados como: *então vou pôr casaco* ou *vou ligar o aquecedor*, mas não pode escolher: *então não vou pôr casaco*, ou *não vou ligar o aquecedor*. A palavra *então* relaciona, nesse caso, *frio e casaco*, por exemplo. Essa é a *norma da língua*. Para continuar o enunciado *Está fazendo frio* com *não vou pôr casaco*, será necessário que o locutor utilize o conector *no entanto*, não o conector *então*, porque estará *transgredindo a norma*. É, ao relacionar dois *enunciados*, servindo-se da noção de *orientação argumentativa*, que o locutor expressa sentido quando emprega a *língua*. *Argumentar* é, assim, produzir *sentido*, relacionando enunciados por meio de *conectores*, como *portanto* (ou outros semelhantes, como *então, assim, logo* etc.), ou *transgredindo a norma* com o auxílio de *no entanto* (ou de *mas, mesmo assim* etc.). Constitui-se, desse modo, o *valor argumentativo* que dá conta dos sentidos produzidos pelo *locutor* para seu *interlocutor*, ou seja, dos efeitos *subjetivos* e *intersubjetivos* do *enunciado*. Esse é o nível fundamental da descrição *semântica* da linguagem (DUCROT, 1990, p. 51): dois *enunciados* relacionados por um *conector* como *portanto* ou *no entanto* constituem, por *interdependência semântica*, um único *sentido*, como mostra Marion Carel na Teoria dos Blocos Semânticos. O conceito-chave para a explicação do *sentido* no uso da *língua* é, conseqüentemente, o de *relação sintagmática*.

O olhar da teoria aplicado a discursos

Neste estudo, com o olhar da Teoria da Argumentação na Língua, focalizando unicamente as relações *temporais* articuladas pela palavra *quando*, no uso da *língua*, formulamos as seguintes hipóteses:

H1- As formas de relação entre os tempos, no uso da língua, podem ser explicadas pela noção de *orientação argumentativa*;

H2 - A palavra *quando* assume diferentes sentidos, dependendo dos tempos que articula.

São tomadas para análise fábulas de La Fontaine, traduzidas do francês.

Olhamos inicialmente *A Pomba e a Formiga* (livro II, fábula 12).¹

Ao longo de um claro riacho bebia uma Pomba, quando sobre a água inclinando-se, uma Formiga cai;

E nesse oceano viu-se a Formiga Esforçar-se, mas em vão, para voltar à margem.

A Pomba logo usou de caridade:

Um galho de planta por ela jogado Serviu de promontório ao qual a Formiga chega.

Ela se salva; e nisso

Passa um certo Camponês que andava de pés descalços.

Esse camponês por acaso tinha uma flecha.

Logo que vê o pássaro de Vênus, Ele o imagina em sua panela, e já lhe faz festa.

Enquanto, para matá-lo, meu Camponês se prepara,

A Formiga o pica no calcanhar.

O Malvado vira a cabeça.

A Pomba ouve, parte, e se safá.

O jantar do Camponês com ela voa:

Nada de Pomba por um óbolo.

Nesse texto, a conjunção *quando* relaciona dois enunciados, cujos tempos se situam, um no passado, *bebia*, no primeiro enunciado, e o outro no presente, *cai*. *Quando* é colocado entre os dois enunciados, articulando-os, e indica *bebia* como sendo o momento em que o tempo presente, *cai*, do segundo enunciado, acontece. A palavra *quando* tem, nesse caso, um funcionamento semelhante ao das anáforas:

Ao longo de um claro riacho bebia uma Pomba,

Quando sobre a água inclinando-se, uma Formiga cai.

O presente *cai*, nesse contexto, toma o sentido de um passado. É possível explicar o sentido de passado, assumido pelo presente, se observarmos a indicação dada pela *orientação argumentativa* dos tempos, pela ordem dos enunciados e pelo lugar que o articulador *quando* ocupa, entre os dois enunciados que constituem a sequência temporal:

bebia / quando / cai.

É *bebia*, do passado, que *orienta* argumentativamente a escolha do tempo que deve continuá-lo. Isso faz com que o presente *cai* seja entendido, nesse contexto, como um passado:

a pomba bebia quando a formiga caiu.

Se invertermos a ordem dos enunciados, mantendo, porém, os tempos e a estrutura sintática:

**cai/quando/bebia*

a sequência dos enunciados se tornará inaceitável: seria o presente *cai* que deveria orientar a sequência dos tempos: depois de *cai* espera-se *bebe*, não, *bebia*. Consideramos também que os tempos, nesse caso, ambos *presentes*, articulados por *quando*, indicariam *hábito frequente*, portanto sentido distinto daquele que se encontra na fábula. Nessa sequência invertida, *cai*, no presente, não teria o valor do passado *caiu*. Parece então que é o sentido do tempo do primeiro enunciado, ou seja, a primeira escolha na *língua* feita pelo *locutor* para expressar seu pensamento que determina os tempos dos enunciados seguintes. Estes não serão mais escolha do *locutor*. Ao contrário, o tempo dos enunciados seguintes será estabelecido pela *língua*. Isso torna possível afirmarmos que, de modo semelhante ao que se encontra no emprego de unidades lexicais, a *orientação argumentativa*, constituindo a *norma* da língua, orientaria a organização temporal no *uso da língua*.

Na fábula *Febo e Borea* (livro VI, fábula 3) há os mesmos tempos articulados por “quando” e a mesma organização sintática que encontramos em *A Pomba e a Formiga*:

Borea e o Sol viram um Viajante
Que tinha se munido felizmente

Contra o mau tempo. (**Entrava-se no Outono, Quando a precaução para os viajantes é boa**).

Chove; o Sol brilha; e o manto de Íris
Torna aqueles que saem advertidos
De que nesses meses o casaco lhes é
muito necessário;

Os Latinos os denominavam duvidoso
quanto a esse assunto.

Nosso homem tinha pois esperado
chuva:

Bom casaco, bem forrado; bom tecido
bem forte.

Esse, diz o Vento, pretende estar
provido

Em todos os acidentes; mas ele não
previu

Que eu poderei soprar de um jeito

Que não há um botão que agente;
será necessário, se eu quiser,

Que o casaco vá para o Diabo.

[...]

Vemos, nessa fábula, a estrutura:

Entrava-se/quando/é

Nesse contexto linguístico, no entanto, a palavra *quando* não funciona como um articulador que compara dois enunciados. Diremos que se trata de um *pronome relativo*. Vemos aí um presente – *é* – referente ao nome *outono*, em que há um funcionamento de *quando* distinto dos anteriores. O presente indica, não mais um tempo, mas uma propriedade permanente atribuída à palavra *outono*, que o antecede. Desse modo, a palavra *quando* escapa à condição de *conjunção*

articuladora que compara dois julgamentos e passa a exercer o papel de uma *conjunção predicativa* que, tal como é definida por Carel (2011, p. 387), *constrói um único julgamento*.

Como pronome relativo, a palavra *quando* aponta para seu antecedente, ao qual se liga de modo semelhante ao dos termos anafóricos, produzindo o encaideamento: outono, portanto precauções, e, por interdependência semântica, um único sentido: as precauções que devem ser tomadas nessa estação.

Observamos que, nesse caso, a palavra *quando*, precedida de um nome que indica tempo, como *outono*, mantém seu sentido de tempo. Surge, então, outra hipótese que precisaria ser confirmada por meio da análise de ocorrências semelhantes: a de que em determinadas situações linguísticas, a serem definidas, a palavra *quando* perderia seu sentido temporal e o manteria em outras.

Na fábula *O Morcego e as duas Doninhas* (livro II, fábula 5), encontramos certas semelhanças com *A Pomba e a Formiga*, mas também algumas diferenças.

Um morcego bateu de cabeça baixa
No ninho de uma Doninha; e logo que
ele aí chegou,
A outra contra os ratos há muito tempo
enfurecida,
Para devorá-lo correu.
O quê! Você ousa, disse ela, diante dos
meus olhos aparecer
Depois que sua raça tratou de me
prejudicar!

Você não é um Rato? Fale sem mentir.
Sim, você é, ou eu não sou Doninha.
- Perdoe-me, disse o coitado,
Não é essa minha profissão.

Eu, rato! Malvados lhe disseram essas coisas.

Graças ao Autor do Universo,
Eu sou Passar: veja minhas asas:
Vivam aqueles que cortam os ares!
Essa argumentação agradou, e pareceu boa.

Ele a fez tão bem que lhe deram
Liberdade para se retirar.

Dois dias depois, nosso distraído
Cegamente vai se meter

Na casa de outra Doninha, dos pássaros inimiga

Ei-lo de novo em perigo de vida.

A dona da toca com seu longo focinho

Ia devorá-lo, na qualidade de pássaro,

Quando ele protestou que o ultrajavam:

Eu, ser considerado assim? Você não vê?

O que constitui um pássaro? É a plumagem.

Eu sou rato: vivam os Ratos!

Júpiter, confunda os Gatos!

Com essa hábil resposta

Ele salvou duas vezes sua vida.

Muito há que, com insígnias mutáveis,

Aos perigos, como ele, frequentemente se mostram ambíguos.

O Sábio diz, conforme as pessoas:

Viva o Rei! Viva a Liga!

Nesse texto, em:

**A dona da toca com seu longo
focinho
Ia devorá-lo, na qualidade de
pássaro,
Quando ele protestou que o ul-
trajavam,**

vemos que a palavra *quando* articulando dois enunciados e colocando-se entre eles “ia devorá-lo/quando/protestou” aponta para a relação entre um futuro inscrito no passado e um passado. A palavra *quando* refere o tempo do primeiro enunciado, que o precede, funcionando como um termo anafórico. Encontramos aí uma organização sintática do enunciado semelhante ao que vemos em *A Pomba e a Formiga*. Mas, diferentemente dessa fábula, *quando*, em *O Morcego e as duas Doninhas*, põe em relação um futuro inserido no passado e um passado. Como *ia devorá-lo* indica um momento futuro, mas um futuro no passado, esse tempo orienta para a continuação no passado. Não seria possível, entretanto, substituir o passado *protestou* pelo presente *protesta* com valor de *protestou*, como lemos em *A Pomba e a Formiga*. Parece, então – e isso precisa ser confirmado por outras análises –, que o futuro situado no passado, embora indique um momento passado, teria funcionamento distinto de um tempo só passado, já que não permite, em sua continuação, um presente com valor de passado. Pensamos, mais uma vez, que a escolha que o locutor faz de um tempo direciona para a continuação de seu enunciado, mostrando que a noção de

orientação argumentativa deve ser uma possível explicação para a sequência dos tempos no uso da língua. A *orientação argumentativa* estaria apontando para a *norma* a ser seguida pelo locutor que mobiliza a *língua* para expressar seu pensamento para seu *interlocutor*.

Tomamos agora a fábula 19 do livro IX: *A Raposa e o Busto*

Os Grandes, em sua maioria, são máscaras de teatro;

Sua aparência impõe ao vulgo idólatra.

O Asno só sabe julgar pelo que vê,
A Raposa, ao contrário, a fundo os examina

Revira-os de todos os lados; e **quando percebe**

**Que seu feito é apenas aparência,
Ele lhes aplica uma expressão
que um Busto de Herói**

A fez dizer muito a propósito.

Era um Busto vazio, e maior do que o natural.

A Raposa, elogiando o esforço da escultura:

Bela cabeça, disse ela, mas cérebro nenhum.

Quantos grandes Senhores são Bustos nesse ponto?

O presente *percebe* orienta para a continuação por meio de outro presente *aplica*, em:

Quando *percebe* *que seu feito é apenas aparência, ela lhes aplica uma expressão...*

Colocado antes do primeiro enunciado e não mais entre os dois enunciados, a

palavra *quando* assume o valor semântico de *se*, ou *a cada vez que*, *sempre que*. O presente indica uma *propriedade* da Raposa – um hábito – não um tempo. Nessa condição, depois dele, só é possível um *presente*, com o mesmo sentido de propriedade. O *presente* do primeiro enunciado não admite, na sua continuação, outro tempo que não seja o próprio *presente*. O que faz crer que ele é insubstituível, nesse contexto.

Examinando a organização dos enunciados, constatamos a impossibilidade de colocar *quando* entre os dois enunciados:

**Ela percebe que seu feito é apenas aparência quando lhes aplica a expressão “Bela cabeça, mas cérebro nenhum”.*

A impossibilidade de inversão da ordem dos enunciados já estaria apontando para a articulação lexical, não temporal, criada por *quando*. Ou seja, entendemos que, com funcionamento catafórico, a *conjunção predicativa quando* indica o *suporte* de um encadeamento argumentativo. Por essa razão, *quando*, entre dois enunciados no presente, conduziria a:

**avaliação negativa portanto só aparência, impossível nesse contexto. Essa explicação pode ser confirmada pela inversão da ordem dos enunciados, com a manutenção de quando entre ambos:*

Ela lhes aplica a expressão “Bela cabeça, mas cérebro nenhum”, quando ela percebe que seu feito é apenas aparência, que permite que seja construído o encadeamento:

só aparência portanto avaliação negativa

Esse fato nos faz refletir sobre a importância do funcionamento referencial de *quando*, como *catafórico* e também como *anafórico*, ao relacionar tempos no *uso da língua*.

Uma característica a ser observada, na organização sintática de *A Raposa e o Busto*, em estudo aqui, é o fato de que a estrutura em que dois enunciados no presente são precedidos por *quando* torna possível a construção de um encadeamento argumentativo como, nesse caso: só aparência portanto avaliação negativa.

A palavra *quando* revela a relação argumentativa de interdependência semântica que existe entre os dois tempos e assume a função não de um *articulador* que *compara* dois enunciados, mas de uma *conjunção predicativa*, definida por Carel (2011). Uma possível justificativa para essa constatação estaria na articulação entre dois presentes que indicam não propriamente o momento da fala, mas propriedades do ser.

Para terminar

É importante que fique claro que estamos apresentando neste estudo a fase inicial de uma pesquisa. Examinamos rapidamente apenas algumas possibilidades de se encontrar, nas *relações* entre os tempos articulados por *quando* no uso da língua, uma explicação para a produção do sentido. Para tanto, nos servimos principalmente do conceito de *orientação argumentativa*, postulada por Oswald

Ducrot. Não chegamos, entretanto, a formular *instruções* para a compreensão do sentido dos enunciados.

Voltando às hipóteses que levantamos inicialmente, parece-nos, de momento, que a primeira, que diz respeito à possibilidade de fundamentar em conceitos da Teoria da Argumentação na Língua a explicação da articulação por *quando* entre os tempos expressos nos enunciados, poderia ser confirmada, pelo menos nos casos que analisamos. Com relação à segunda hipótese, entendemos que a palavra *quando* pode assumir diferentes sentidos, dependendo dos tempos que articula. Novas análises deverão, no entanto, ser realizadas.

Essas poucas reflexões estariam mostrando, por um lado, que a indicação linguística de *tempo* segue *normas da língua*, e que, por outro lado, apresenta funcionamento distinto das *entidades lexicais*. Enquanto as *entidades lexicais* orientam para possíveis continuações, permitindo ao *locutor* mais de uma escolha para a expressão de seu pensamento, e impedindo outras, as expressões temporais não oferecem possibilidades de escolha ao *locutor*; ao contrário, impõem a continuação do *enunciado*. Essa observação estaria mostrando a necessidade de um estudo mais desenvolvido sobre a natureza e o funcionamento dos *signos* na *língua*, estudo que deve ser desenvolvido a partir da observação dos usos que o *locutor* faz desses *signos*.

As análises realizadas revelaram também que a palavra *quando* pode

desempenhar tanto a função de *articulador* quanto a de *conjunção predicativa*, logo, pode ter funcionamentos distintos: o *articulador* parece “impor”, de certo modo, as *normas da língua*. Já a *conjunção predicativa* relaciona enunciados escolhidos pelo *locutor* e produz, por interdependência semântica, um único sentido, do mesmo modo que se percebe nas relações entre entidades lexicais. Além desses funcionamentos, a palavra *quando* pode assumir também – em casos provavelmente menos frequentes – valor semelhante ao de um *pronome relativo* que especifica o sentido de uma entidade lexical que o antecede, o que conduz à possibilidade de construção de um encadeamento argumentativo.

A diversidade de funcionamentos de *quando* e a pluralidade de sentidos que adquire, ao relacionar tempos de enunciados, nos fazem perceber a diversidade de naturezas que constituem os *signos*, o que nos é revelado, ao examinarmos as possibilidades de uso que a *língua* oferece. Essas possibilidades são explicadas pela *orientação argumentativa*, criada por Oswald Ducrot e apresentada na Primeira Conferência de seu livro publicado em 1990 (p. 51): a *orientação* já está contida na *significação da frase*. Vemos, então, que o *enunciado* já é previsto pela *frase*. Ao tratarmos de morfemas que exprimem *tempo*, ligados ao verbo, vemos neles *signos* – já que são constituídos de um *significante* e de um *significado*. Nossas análises nos mostram que a *orientação argumentati-*

va contida na *significação da língua* se mantém nesses signos (morfemas que indicam tempo), mas sem possibilidade de escolhas pelo *locutor*: a *língua* orienta para a continuação do *enunciado*, mas “impõe” sua norma. Entendemos, desse modo, que *entidades lexicais e expressões temporais* ligadas ao verbo são signos de naturezas distintas.

É importante observarmos que o conceito de *orientação argumentativa*, criado por Oswald Ducrot, que já se lê, em 1980, no primeiro capítulo de seu livro *Les mots du discours*, aponta para a afirmação que descobrimos em um dos manuscritos de Ferdinand de Saussure, publicado pela primeira vez em 2002, do qual, evidentemente, Ducrot não teve conhecimento na data da criação de seu conceito. Diz Saussure, no terceiro parágrafo do manuscrito, que recebeu dos editores o título de *Nota sobre o discurso*: [...] *a língua só realiza previamente conceitos isolados, que esperam ser postos em relação entre eles para que haja significação de pensamento* (p. 275). Podemos perceber, então, na palavra *esperam*, que a *língua* já *prevê* seu *uso*, ou seja, o *uso da língua* já estaria inscrito nela, já estaria contido nela. Inferimos dessa afirmação o que Saussure conceituou como sendo a *linguagem*, constituída pela *língua* e pela *fala*, ambas relacionadas, inseparáveis. Em vista disso, só podemos compreender o funcionamento da *língua* quando analisamos o *uso* que dela podemos fazer, *uso* já contido na própria *língua*. A noção de *orienta-*

ção argumentativa criada por Ducrot, constructo teórico que permite, ou não, impõe ou não, continuações no *uso da língua*, estaria explicando, sem saber, o que Saussure já havia formulado em seu manuscrito, em que trata do *discurso*.

Ainda outra observação, que decorre das poucas análises realizadas, e que necessita, portanto, ser confirmada, é a da importância que podem assumir, no *discurso*, os termos referenciais *anafóricos* e *catafóricos* para a compreensão da natureza e do funcionamento não só dos morfemas temporais no *discurso*, mas também, ao que parece, das entidades lexicais. Para tanto, é necessário que sejam desenvolvidas análises sobre o papel que os *enunciados* articulados por *quando* ou por outras conjunções temporais da língua, que não foram ainda estudadas, adquirem na continuação do *discurso*. Esse estudo deve conduzir a uma reflexão sobre como a Teoria da Argumentação na Língua, sobretudo em sua forma atual, a da Teoria dos Blocos Semânticos, que radicaliza os princípios filosóficos que fundamentam a Teoria da Argumentação na Língua, explica o funcionamento dos *enunciados* e dos *discursos*.

Sabemos que muito resta a fazer para o desenvolvimento deste estudo. Entretanto, já podemos perceber que a expressão do tempo pela linguagem é complexa, que a língua oferece a quem a emprega ricas possibilidades de produção de sentidos. Podemos verificar ainda que a Teoria da Argumentação na Língua, ao abraçar, sobretudo a noção de *relação*

encontrada na proposta saussuriana, e ao criar, fundamentada nessa noção, o conceito de *orientação argumentativa* e de *valor argumentativo*, introduzindo também a *enunciação* no estudo do uso da língua, fornece ferramentas importantes que permitem explicar essa complexidade e essa riqueza.

L'expression du temps dans le discours

Résumé

Ce texte présente une étude sur les rapports temporels établis par la conjonction *quand* dans le discours. On analyse des fables de La Fontaine à la recherche de réponses à deux hypothèses: 1) le rapport entre les temps dans l'emploi de la langue peut être expliqué par la notion d'orientation argumentative créée dans la Théorie de l'Argumentation dans la Langue par Jean-Claude Anscombe et Oswald Ducrot, poursuivie à présent par Marion Carel et Oswald Ducrot. 2) la conjonction *quand* peut prendre différents sens selon les temps qu'elle articule. Les analyses développées montrent que la première hypothèse pourrait être confirmée, et que la deuxième révèle que la conjonction *quand* peut présenter des sens différents dans certains contextes, mais qu'elle peut garder son sens temporel dans d'autres.

Mots-clés: Discours. Quand. Temps. Théorie de l'Argumentation dans la Langue.

Nota

¹ A tradução das fábulas apresentadas neste texto é de nossa responsabilidade.

Referências

CAREL, M. *L'entrelacement argumentatif: lexique, discours et blocs sémantiques*. Paris: Honoré Champion, 2011.

DUCROT, O. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.

_____. *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1990.

_____. La sémantique argumentative peut-elle se réclamer de Saussure? In: SAUSSURE, L. de. *Nouveaux regards sur Saussure*. Genève: Droz, 2006.

LA FONTAINE, J. de. *Fables*. Paris: Flammarion, 2007.

SAUSSURE, F. de. *Ecrits de linguistique générale*. Paris: Editions Gallimard, 2002.